

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Monografia

OS MALDITOS DA CORÉIA
Um estudo antropológico sobre os torcedores da arquibancada popular do
estádio Beira Rio – Porto Alegre – RS.

Mártin César Tempass
2504/00-6

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ricardo Michaelsen Centurião

Porto Alegre, março de 2003.

Folha de aprovação

Agradecimentos

- Ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Ricardo Michaelsen Centurião.
- Aos meus colegas do Curso de Ciências Sociais, em especial à *Bianca de Freitas Linhares*.
- Aos servidores da Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades.
- Aos meus colegas do CEUPA III.
- Aos funcionários da Fundação do Sport Clube Internacional.
- Aos torcedores colorados “coreanos”.

O torcedor é o cerne mais resistente do clube. Ele é a razão de ser de uma instituição construída, dia a dia, numa história ininterrupta de 90 anos gloriosos. Suas emoções estão, para o clube, como a água da chuva para a sobrevivência das plantas. Seus gritos e suas palavras de incentivo incendiam o time, impedindo que esmoreça em momentos de graves dificuldades (BRAGA, 1999, contracapa).

Resumo

O Sport Clube Internacional é o único dos grandes clubes do futebol brasileiro que ainda mantém funcionando a sua arquibancada popular. Os torcedores desta arquibancada, popularmente conhecidos por “coreanos”, apresentam um comportamento muito diferenciado dos demais torcedores de futebol devido ao fanatismo exagerado. Neste trabalho pretendo verificar o que leva o torcedor colorado a freqüentar a arquibancada popular, identificando seus aspectos característicos e comparando-os com os demais torcedores colorados.

Palavras-chave: torcedor; futebol; rivalidade; Coréia.

Abstract

The Sport Clube Internacional is the unique of the big football clubs that still to be maintained your popular stand. The rooters of this stand, popularly well-know by “coreanos”, presents a compartment very differently of the others rooters of football because of exaggerated fanaticism. At this work I intend verify what to be carried the “colorado” rooter to frequent the popular stand, identifying yours characteristics aspects and comparinge theys with the others “colorados” rooters.

Key words: rooter; football; rivalry; Coréia.

Sumário

1 – Introdução	7
2 – Considerações históricas sobre o futebol	13
2.1- A história dos jogadores negros na dupla Gre-Nal.....	15
3 – A rivalidade Gre-Nal	18
4 – Considerações sobre a preferência clubística	22
5 – Aspectos sociais dos torcedores da dupla Gre-Nal	27
6 – A importância dos estádios para os torcedores da dupla Gre-Nal	33
7 – A “Coréia” e os “coreanos”	37
7.1 – A classe social dos “coreanos”.....	42
7.2 – As drogas e as bebidas alcoólicas.....	43
7.3 – Os “coreanos” e a violência.....	45
7.4 – O Inter em função dos torcedores.....	48
7.5 – Os “coreanos” estigmatizados.....	49
7.6 – A “Coréia” como communitas.....	51
8 – Conclusão	53
Referências bibliográficas	55
Anexos	58

1 - Introdução

Primeiramente faz-se necessário registrar que sou torcedor do Sport Clube Internacional, desde os meus sete anos de idade (antes eu torcia pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense). Há cerca de dez anos venho acompanhando alguns dos jogos do Inter no estádio Beira Rio, porém costumava assisti-los na arquibancada inferior e nunca tinha assistido sequer uma partida na arquibancada popular, mais conhecida como “Coréia¹”. Com isso quero esclarecer que, apesar de ter um envolvimento emocional com o Inter, não tenho nenhum envolvimento com os torcedores “coreanos”.

Meu primeiro contato com a “Coréia” foi em novembro de 2000, em um jogo das oitavas de final da Copa João Havelange. Assisti ao jogo nesta arquibancada porque não possuía dinheiro suficiente para comprar a entrada para a arquibancada inferior. Logo que ingressei pela primeira vez na “Coréia” percebi que se trata de um ambiente completamente diferente, de torcedores com

¹ “Coréia” é popularmente sinônimo de pobreza. Justamente por isso algumas favelas são denominadas pelo nome “Coréia”. Entre os municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo uma vila muito pobre possuía o nome de “Coréia”. Uma zona na Vila Vargas (abaixo do Morro da Cruz) em Porto Alegre também era conhecida por “Coréia” por ser muito pobre (FONSECA, 2000).

características específicas, que me geraram um intenso sentimento de estranhamento². Antes mesmo de terminar a partida já tive a convicção de que aquele era um campo riquíssimo para um trabalho etnográfico.

Apesar da reconhecida riqueza do campo demorei bastante em adotar os torcedores “coreanos” como objeto de estudo, pois para mim e para meus colegas (principalmente para meus colegas) esse era um tema marginal. Rotineiramente ouvia frases como: “tu só qué é assiti os jogos”, “o que que tu qué com isso?”, “pra que pesquisa isso?”, “tu acha que vai muda alguma coisa estudando torcedor?”, “gente morrendo de fome e tu qué assisti jogo”, etc.

Só após ler a dissertação de mestrado de Benedito Tadeu César (1981) é que tomei a decisão de fazer este trabalho. César aponta em sua introdução que se sentiu discriminado por realizar uma pesquisa sobre futebol, pois a comunidade científica nacional e a intelectualidade brasileira desprezam o tema, relega-o a um plano inferior (CÉSAR, 1981, p.2). Isso porque:

Futebol é, quase sempre o foi, sinônimo de alienação, de descompromisso, de malandragem. Prática de negros e desocupados. De incultos. Da massa e, portanto, passível de manipulação e controle (César, 1980, p.2).

Assim, em 1981, César explicava as poucas publicações científicas relacionadas ao assunto.

É bem verdade que atualmente as práticas desportivas, seus praticantes e expectadores, vêm conquistando um maior espaço na área das Ciências Humanas, mas mesmo assim (isso eu mesmo constatei) ainda permanece um certo desprezo por pesquisas que tratam do lúdico, do

² Neste período eu estava procurando por um objeto de estudo para a realização de alguns exercícios de observação para a disciplina de Antropologia I, curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

informal, do descompromissado e do lazer. Na academia estes temas ainda são relacionados com a irresponsabilidade e a superficialidade.

Esse desprezo é inexplicável, pois todos reconhecem a extrema significância que o futebol tem para o povo brasileiro. No Brasil, o futebol está em todos os jornais e na maior parte das revistas. Ele ocupa diversos horários em rádios e canais de televisão. Ele é largamente praticado e comentado. Ele é assunto. Ele é foco de interesse³.

Por isso o estudo do futebol e seus torcedores é significativa e necessário. Assim, decidi estudar os torcedores da arquibancada popular do estádio Beira Rio, pois, como mostrarei no presente trabalho, eles constituem um tipo extremado de torcedores de futebol, pelo fanatismo exagerado.

A “Coréia” do Beira Rio é uma espécie de valo que circunda todo o campo de jogo, nela os torcedores assistem o jogo em pé, sem abrigo contra o sol e a chuva, e, tem uma péssima visão do gramado. O valor do ingresso para esta arquibancada é muito mais barato que os demais ingressos, por isso existe a idéia de que ela é freqüentada exclusivamente por torcedores “pobres”.

Esta arquibancada se diferencia muito, física e geograficamente, das outras arquibancadas, e também o comportamento destes torcedores (“coreanos”) se diferencia muito do comportamento dos demais torcedores. Nesta arquibancada se misturam velhos, jovens, homens, mulheres, crianças, brancos, negros, bêbados, maconheiros, religiosos, ricos, pobres, etc. Muitos destes torcedores poderiam pagar um ingresso mais caro e assistir o jogo de um local melhor, mas preferem a arquibancada popular.

³ Ver mais sobre a importância do futebol para o povo brasileiro em: César (1981) e Moura (1970).

Existe no Brasil a tendência de modernizar os estádios, imitando os estádios europeus. Esta modernização elimina as arquibancadas populares⁴. Alegando motivos de segurança a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) vem tentando, há cerca de três anos, fechar as arquibancadas populares do estádio Beira Rio. Mas a direção do Sport Clube Internacional tem conseguido manter a “Coréia” aberta através de uma medida cautelar, que pode ser caçada a qualquer momento. E, apesar de já existirem vários trabalhos antropológicos sobre torcedores de futebol⁵, ainda não existe nenhum trabalho que trate destes peculiares torcedores.

A arquibancada popular é, dentre as demais arquibancadas, o pior local para se assistir os jogos, e, por isso, o valor de seu ingresso é mais barato. Mas muitos dos “coreanos” possuem condições econômicas para freqüentarem outras arquibancadas melhores. Então, por que estes torcedores preferem assistir o jogo da arquibancada popular? Em que aspectos um torcedor “coreano” se diferencia dos demais torcedores colorados? Quais as razões para esta diferenciação? Estas são as principais questões de que se ocupa o presente trabalho.

Então, este trabalho busca verificar basicamente o que leva um torcedor colorado a freqüentar a “Coréia”, identificando seus aspectos característicos e comparando-os com os demais torcedores colorados.

É impossível estudar os torcedores colorados sem estudar também os torcedores gremistas, pois a rivalidade é ingrediente principal destes dois tipos de torcedores. Um existe em oposição ao outro. Para compreender a rivalidade que envolve estes torcedores precisei fazer um levantamento histórico sobre a fundação dos dois clubes. Um fundado como clube de elite e o outro como clube do povo. Para isso precisei primeiramente estudar a história da introdução do futebol no Brasil.

⁴ O Beira Rio é o único dos grandes estádios do futebol brasileiro que ainda mantém aberta a sua arquibancada popular.

⁵ A grande maioria dos trabalhos antropológicos sobre torcedores de futebol trata de torcidas organizadas.

Para diferenciar os torcedores colorados dos torcedores gremistas me servi do método de pesquisa quantitativa, aplicando questionários junto aos torcedores coreanos⁶, e utilizei dados estatísticos secundários.

Realizei catorze observações participantes na “Coréia” do Beira Rio durante os jogos. Fiz entrevistas semi-estruturadas com diversos torcedores “coreanos”, com outros torcedores colorados, com torcedores gremistas, com dirigentes do Inter, com jogadores do Inter e com jornalistas esportivos.

O trabalho de campo do presente trabalho foi realizado entre os meses de fevereiro e dezembro de 2002. Neste período o Inter viveu dois momentos diferentes, um bom e outro ruim. Primeiro foi supercampeão gaúcho e depois quase foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato brasileiro de futebol. Isso foi ótimo para esta pesquisa, pois pude estudar estes torcedores “na alegria e na tristeza”.

Luiz Henrique Toledo (1996) afirma que os torcedores brasileiros, em geral, possuem determinadas práticas que, organizadas a partir da paixão por times de futebol, respondem a um determinado padrão de sociabilidade. Que, o futebol e o comportamento do torcedor fazem parte e devem ser analisados em conjunto com a sociedade, pois a condição de torcedor de futebol é apenas mais uma entre tantos outros papéis sociais desempenhados pelos indivíduos na sociedade. Por isso, nesta pesquisa, procuro destacar alguns aspectos sociais dos torcedores estudados.

Para este trabalho considero o torcedor de futebol como aquele que toma o partido de uma agremiação esportiva numa competição, ou simplesmente deseja o êxito desta agremiação. E, como para Nogueira (NOGUEIRA apud TOLEDO, 1996, p.11) e Rosenfeld (ROSENFELD apud

⁶ Os questionários foram aplicados antes do início das três primeiras partidas do Inter no campeonato brasileiro de 2002. No total foram aplicados 31 questionários. Os resultados obtidos podem ser encontrados na íntegra em Tempass (2002b).

DAMO, 1998, p. 64), “o torcedor participa, efetivamente e a seu modo, do jogo”. O torcedor, que vai ao estádio, é uma espécie de “observador participante” do espetáculo (DEBRUN apud DAMO, 1998, p. 64).

Clifford Geertz (1989) em seu trabalho de campo em Bali, definiu os espectadores de rinhas de galos como “um conjunto de pessoas absorvidas num fluxo de atividade comum, e se relacionando umas com as outras em termos desse fluxo”. Aproveito este conceito, transferindo-o para os torcedores de futebol, ou seja, os torcedores de futebol são “um conjunto de pessoas absorvidas num fluxo de atividade comum, e se relacionando umas com as outras em termos desse fluxo”.

A maioria dos trabalhos existentes parte do princípio que o torcedor de futebol existe em razão de uma equipe, ou seja o torcedor torce por uma equipe. Porém Norbert Elias (1992) também enxerga o outro lado, ou seja, ele afirma que os espetáculos de futebol são realizados em função dos torcedores. Para Norbert Elias “sempre que grande número de espectadores assiste a um acontecimento desportivo, este transforma-se em espetáculo, realizado em função dos espectadores. O prazer de jogar é subordinado à realização de actos que agradem à multidão⁷.” Ou seja, os torcedores só torcem porque existe uma equipe, e a equipe joga em função dos torcedores. Um existe em função do outro. Assim, neste trabalho, procurei enfatizar a opinião dos dirigentes e jogadores do Inter sobre os torcedores da “Coréia” do Beira Rio.

⁷ Um ótimo resumo sobre o futebol na obra de Norbert Elias pode ser encontrado em Heinich (2001).

2 – Considerações históricas sobre o futebol

Quando o futebol chegou ao Brasil⁸, trazido por Charles Müller no final do século XIX, ele foi primeiramente introduzido nos clubes de elite, como os clubes de regatas. Surgiram assim os clubes de elite no futebol, sendo este esporte exclusividade destes grupos. Com o tempo, para controlar o horário livre dos trabalhadores, foram criados os clubes de fábrica. Mais tarde começaram a ser criados os clubes do povo.

O Bangu foi o primeiro time operário do Brasil, fundado em 1904, e repudiado imensamente pela elite. Foi assim que surgiu o termo “à la Bangu”, para designar coisas mal feitas. Clubes populares começaram a surgir em todos os lugares, caracterizando o que Joel Rufino dos Santos chamou de “luta de classes da bola” (DIAS: 1991).

A elite, em grande parte, foi abandonando esta prática esportiva, mas continuava administrando o futebol. Os motivos deste abandono foram o contato corpo-a-corpo, a anti-higiêne, a coletividade, a violência e a agressividade. A grande profissionalização ocorrida na

⁸ O futebol é uma criação britânica, porém neste trabalho julguei desnecessário analisar o período anterior à introdução no Brasil. Mas, todavia, um relato sobre o processo evolutivo do futebol britânico pode ser encontrado em Elias (1992) e em Denardin (2000).

década de 1930 contribuiu para que muitos dos clubes remanescentes também desaparecessem. A profissionalização também acabou com muitos times de populares⁹.

Na virada do século XX Porto Alegre contava com cerca de 73.000 habitantes e muitas sociedades esportivas. Os principais esportes praticados nestes clubes eram: as corridas de cavalo, o ciclismo, o remo, a ginástica, o bolão e o tiro. O futebol não era praticado na capital, mas no interior do estado do Rio Grande do Sul já existiam vários clubes dedicados à prática do novo esporte.

Em 1903, um destes clubes, o Sport Club Rio Grande, atualmente o mais antigo clube de futebol em atividade no Brasil, veio realizar uma partida de exibição em Porto Alegre. Cerca de uma semana depois, dia 15 de setembro de 1903, foram fundados dois clubes de futebol em Porto Alegre: o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Fuss-Ball Club Porto Alegrense.

Muitos outros clubes futebolísticos surgiram a partir de então em Porto Alegre. Porém foram desaparecendo com o passar do tempo, principalmente pela profissionalização do esporte. Em 1910 foi realizado o primeiro campeonato de futebol de Porto Alegre, disputado por sete clubes: Internacional, Nacional, Sete de Setembro, Fuss-Ball, Frish Av, Clube Militar e o Grêmio (DIAS, 1991). Destes, somente Grêmio e Internacional permanecem em atividade¹⁰.

Existem diferentes versões sobre a fundação do Grêmio. A versão oficialmente divulgada pelo clube é a de que ele foi “gestado” numa república na Rua Dr. Flores, por jovens empregados no comércio. Entre eles estava o paulista Cândido Dias, que possuía uma bola. O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense foi fundado em 15 de setembro de 1903 com a associação de 32 pessoas. O

⁹ Maiores informações sobre a introdução do futebol no Brasil podem ser encontradas em: Dias (1991, p. 29-38), Damo (1998, p 16-59), César (1981, p. 147-156) e Denardin (2000).

¹⁰ Um relato completo sobre a introdução do futebol em Porto Alegre pode ser encontrado em Damo (1998, p. 85-111) e Dias (1991, p. 28-44). Outras informações podem ser encontradas em Denardin (2000).

Grêmio foi o difusor do esporte pela capital gaúcha (juntamente com o irmão Fuss-Ball) e logo surgiram muitos adeptos, membros da elite e em grande parte de descendência germânica.

Em 1908, três irmãos descendentes de italianos (Henrique, José e Luís Poppe) tentaram se associar ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense com a intenção de praticar o futebol. No entanto os três irmãos não possuíam as características necessárias para poderem se associar ao clube de futebol da elite de Porto Alegre e não foram aceitos como sócios.

Os irmãos Poppe resolveram então, em 1909, fundar um novo clube para conseguirem praticar o futebol. Fundaram o Sport Clube Internacional, um clube do povo, onde todos seriam aceitos como sócios. O nome foi escolhido por Henrique Poppe em menção ao Internacional de São Paulo e a Internazionale de Milão¹¹. O vermelho e o branco foram escolhidos como as cores do novo clube porque a maioria dos presentes na fundação pulavam o carnaval na Sociedade Veneza, sociedade bastante popular na época (DIAS, 1991).

O primeiro clássico Gre-Nal aconteceu em 1910, sendo vencido de goleada pelo Grêmio: 10 x 0. A partida por muito pouco não foi realizada, pois nenhuma das duas equipes queria aceitar que o adversário pagasse as despesas do coquetel oferecido antes da partida. Por fim, o Grêmio acabou pagando a conta.

2.1 - A história dos jogadores negros na dupla Gre-Nal

Os clubes de elite fizeram de tudo para manter os negros afastados do futebol, mas foram obrigados a aceitá-los já que os clubes do povo estavam conquistando a maioria dos títulos por

¹¹ Durante a pesquisa ouvi os mais variados relatos de torcedores sobre a fundação do Internacional. É interessante relatar que uma parcela considerável destes torcedores afirma que o nome “Internacional” foi escolhido em função da Internacional Comunista. As cores do clube (vermelho e branco) também teriam sido escolhidas por simbolizarem ideais comunistas.

possuírem a habilidade técnica dos jogadores negros. No Internacional, o primeiro jogador negro, Dirceu Alves, foi admitido em 1925. Enquanto que o Grêmio só foi admitir o primeiro jogador negro em 1952 (DIAS, 1991), isso porque a “negrada” do Inter estava ganhando todas as competições.

Mas o Inter, fundado em 1909, também não admitia negros até 1925¹². Um dos presidentes do Inter chegou até a vetar a participação do Riograndense, clube de jogadores negros, na Liga Metropolitana, pois não queria que o Inter jogasse contra um time de negros. Então, para poderem praticar o futebol, um grupo de negros criou a Liga dos Canelas Pretas, em 1912. Nesta Liga também existiam times racistas que não aceitavam negros, só jogadores mulatos.

A partir de 1925 o Internacional começou a recrutar alguns jogadores da Liga dos Canelas Pretas, já que a habilidade destes últimos com a bola era notável. Foi com o ingresso dos jogadores negros que o Inter começou sua primeira trajetória de conquistas, culminando com o “Rolo Compressor” da década de 1940, que simplesmente amassava os adversários. O ingresso de negros no futebol colorado contribuiu para consolidar a imagem de que o Internacional é o “clube do povo” do Rio Grande do Sul. A Liga dos Canelas Pretas desapareceu a partir do momento em que os clubes da Liga Metropolitana começaram a aceitar jogadores negros.

O sucesso desses jogadores negros no “Rolo Compressor” colorado fez o Grêmio rever a sua posição quanto aos jogadores de cor. Abaixo segue parte de um dialogo apresentado por Damo (1998)¹³ referente à negociação entre Grêmio e Vasco da Gama quanto ao jogador Tesourinha, negro. Este, alguns anos antes tinha jogado no “Rolo Compressor” colorado.

¹² O Inter foi fundado como clube do povo, onde “todos” poderiam praticar o futebol, mas esse “todos” não incluía os atletas negros, até 1925. Os torcedores colorados, maioria negros, desconhecem esse fato. Eles pensam que desde a sua fundação o Inter contava com atletas negros.

¹³ Relato feito por Salin Nigri, 70 anos, ex-colaborador de vários departamentos do Grêmio que presenciou a negociação. In.: Damo (1998, p. 111-112).

Tesourinha foi o primeiro negro a jogar no Grêmio, em 1952. Abandonou a equipe anos depois sem ter ganhado um título. Contudo, foi ele quem abriu o caminho para as futuras conquistas de títulos gremistas.

Grêmio: - “*Quanto é que custa o Tesourinha?*” [...]

Vasco: - “*Eu faço dele cem mil.*”

Grêmio: - “*Então tu me traz ele aqui, vem aqui prá nós combinarmos que eu quero comprar.*” [...]

Vasco: - “*Mas... Escuta! Tu não entendeu o que eu falei? Não sabe quem é o jogador... [risos] eu tô falando do Tesourinha!*” [...]

Grêmio: - “*Eu sei! O Tesourinha...*”

Vasco: - “*Mas o Tesourinha é **negro** pô!!!*”

Grêmio: - “*Pois é, eu quero...*”

Vasco: - “*Tu tá falando sério?*”

Grêmio: - “*Tô falando sério!*” [...] (Salin Nigri in.: DAMO, 1998, p. 111-112, grifo meu).

E o Grêmio contratou Tesourinha por cem mil cruzeiros, pagos por cem sócios, mil cruzeiros cada um (DAMO, 1998). Mais adiante veremos como a recusa inicial do Grêmio em aceitar jogadores negros se reflete no perfil dos torcedores da atualidade.

3 – A rivalidade Gre-Nal

A rivalidade que caracteriza os clubes da dupla Gre-Nal foi iniciada antes mesmo da fundação do Internacional, quando os irmãos Poppe foram barrados pelo Grêmio, e foi mantida. Após a segunda goleada sofrida pelo Inter, um atleta colorado pronunciou a seguinte frase: “... só deixo essa coisa de futebol depois de uma vitória sobre o tal de Grêmio” (DAMO, 1998).

A grandiosidade dos clubes diz respeito à rivalidade existente entre eles. O povão tentando vencer a elite e a elite tentando se manter à frente do povão. Foi assim que Internacional e Grêmio se tornaram grandes clubes de futebol. A necessidade de vencer o rival fez com que eles crescessem. A rivalidade entre clubes de elite e clubes do povo foi considerada por Joel Rufino dos Santos como uma “luta de classes da boa” (DIAS, 1991, p. 51-56). E esta rivalidade muitas vezes se estendeu, e se estende ainda, para longe do campo de jogo, por exemplo: disputa em outros esportes, disputa no número de sócios, disputa nas contratações de jogadores, disputas pela maior torcida, disputa pelo melhor e/ou maior estádio, disputa de títulos de beleza femininos,

disputa de venda de loterias, até disputas para ver qual a torcida que depreda menos ônibus tem sido realizada.

A rivalidade transformou o clássico Gre-Nal em um dos mais importantes clássicos do Brasil. Muitos especialistas em futebol chegam a afirmar que é o maior clássico do futebol brasileiro, pois não existem, no Brasil, dois outros times com tamanha rivalidade. A primeira briga entre jogadores que se tem notícia em Porto Alegre foi justamente no Gre-Nal disputado pela Liga Porto-Alegrense.

O colorado, além de torcer pelo êxito do Inter, torce também pelo fracasso do Grêmio¹⁴. Por isso são chamados pelos gremistas de “secadores”. Muitas vezes os jogos de Inter e Grêmio ocorrem no mesmo horário, e os torcedores do Inter, no Beira Rio, comemoram com extrema felicidade os gols sofridos pela equipe gremista. Ou seja, enquanto o colorado está no estádio torcendo pelo Inter, paralelamente ele também está torcendo contra o Grêmio.

As provocações entre os torcedores dos dois clubes rivais estão constantemente presentes, principalmente pelo clube em melhor fase. Quando o Inter está em boa fase, agradando o torcedor, é comum que os colorados dirijam provocações aos gremistas, os desafiam. Assim, por exemplo, todo estádio canta: “Ô tricolor, pode esperar que a tua hora vai chegar! Inter, Inter...”.

O Grêmio e os gremistas são chamados pelos torcedores do Inter simplesmente por “eles”¹⁵. Em várias observações que realizei durante os jogos o Inter não atingiu um bom resultado, muitas vezes empatou ou perdeu. Após estes jogos era comum ouvir-se frases como “ainda bem que “eles” também não ganharam!” ou “o pior é que “eles” ganharam”. O desempenho do Inter sempre é comparado ao desempenho gremista. Perder sempre é ruim, mas se o rival também perder a derrota é amenizada. O pior castigo para um colorado é ver ser time

¹⁴ Alguns raros torcedores colorados torcem mais pela derrota do Grêmio que pela vitória do Inter.

¹⁵ O Inter e os colorados também são chamados pelos gremistas simplesmente pela palavra “eles”.

perder enquanto que o Grêmio vence. Isso explica a grandiosidade atribuída ao clássico Gre-Nal, um confronto direto.

Esse confronto é visto até nos concursos de beleza feminina, onde os dois clubes participam. Alguns depoimentos sobre a escolha recente de Michelle Andreazza como “Garota Verão do Inter” demonstram isto:

Michelle, tu tem que ser atacante do Inter, pra quando o Danrlei te vir, sair correndo pro outro lado.

Viva o Inter, que guria! Assim até eles viram a camisa.

A beleza dessa guria é do tamanho do Inter: GIGANTE! Vai firme e traz mais esse merecido título para a nação colorada!

Mas bah! Tchê! Que guria muito linda! E a beleza do Internacional deixando de boca aberta o nosso rival.

Já ganhou. Só mesmo um gremista pra não reconhecer a tua beleza e não se apaixonar por ti.

Mais uma vez o Internacional mostra que é melhor que o Grêmio. Lá eles vibram com a coleção de tiaras do Danrlei, aqui nós temos uma menina linda, perfeita e ainda colorada.

(Depoimentos extraídos do site oficial do Internacional em 16/02/2003).

Para os colorados, tudo que se refere ao Inter possui uma valoração positiva, enquanto que tudo que se refere ao Grêmio é negativado, com mostram os depoimentos acima. Quanto mais fanático for o torcedor por seu clube maior a intensidade da rivalidade. Os “coreanos” que são os mais fanáticos dos torcedores colorados (como veremos a seguir), nem mesmo votam em candidatos políticos que são gremistas¹⁶. O fanatismo e a rivalidade fazem com que estes torcedores classifiquem os candidatos gremistas de maneira negativa: “gremistas é tudo ladrão”, “é tão incompetente que até gremista é”, “... claro que não votam! Tu acha que eu vô querê que

¹⁶ A análise completa do perfil político do torcedor colorado pode ser encontrada em Tempass (2202b).

um gremista me governe? ... com o meu voto não”, “tenho até pena daquele coitado” (TEMPASS, 2002b).

Uma frase que resume a rivalidade entre as duas equipes foi proferida pelo ex-presidente do Internacional, Arthur Dallegrave, quando interrogado sobre um jogo do Grêmio: “Se um dia o Grêmio disputar uma partida contra um time de cachorros eu vou para a arquibancada latir”.

4 - Considerações sobre a preferência clubística

O Ibope, em conjunto com a revista Placar, realizou uma pesquisa para verificar quais são os clubes de maior torcida no Brasil. Os dados podem ser vistos na tabela 1. A dupla Gre-Nal aparece entre os clubes mais populares do Brasil, o Inter em 11º, com estimativa de 4.530.000 torcedores em todo Brasil¹⁷, seguido pelo Grêmio, em 12º, com estimativa de 3.800.000 torcedores em todo país (DAMO, 1998).

No Brasil, só nas primeiras e segundas divisões de futebol de cada estado, existem mais de quinhentos clubes, fora os clubes de divisões inferiores e amadores. Todos os dias novos clubes são fundados e outros desaparecem (DAMO, 1998). É interessante notar, conforme a tabela 1, que apenas 16 clubes representam 78% da preferência clubística no Brasil. Isso revela que existe uma elite bem definida no futebol brasileiro, sendo Internacional e Grêmio parte desta elite.

¹⁷ O Inter aparece empatado com o Santos.

Tabela 1
As maiores torcidas do Brasil

Clube	Percentual de torcedores	Número de torcedores no Brasil
Flamengo – RJ	16,5%	24.115.000
Corinthians – SP	13,6%	19.877.000
São Paulo - SP	7,2%	10.523.000
Vasco – RJ	6,3%	9.207.000
Fluminense - RJ	4,6%	6.723.000
Palmeiras - SP	4,3%	6.284.000
Botafogo - RJ	3,4%	4.969.000
Atlético - MG	3,3%	4.823.000
Cruzeiro - MG	3,2%	4.676.000
Santos - SP	3,1%	4.530.000
Inter - RS	3,1%	4.530.000
Grêmio - RS	2,6%	3.800.000
Bahia - BA	2,5%	3.653.000
Sport - PE	2,2%	3.215.000
Santa Cruz - PE	2,0%	2.923.000
Nenhum	11,4%	16.662.000
Outros	10,7%	15.639.000
Total	100%	145.154.000

Fonte: Ibope/Placar – 1993¹⁸.

Para melhor fundamentar este trabalho, é mister algumas considerações sobre como e quando os torcedores fazem suas escolhas clubísticas. Ou seja, determinar o que leva ao torcedor escolher determinado clube. As tabelas 2 e 3 nos trazem uma idéia das condições da escolha.

A tabela 2 apresenta um panorama curioso, onde mais de 70% dos torcedores admitem ter sofrido influências de terceiros em sua escolha, principalmente de parentes. A fase, as cores e outros motivos determinam a escolha de pouco mais de 20% dos torcedores.

¹⁸ Tabela extraída de Damo (1998). Nesta pesquisa o Ibope ouviu 3.503 pessoas nas nove principais capitais brasileiras e respectivas regiões metropolitanas. A margem de erro é de 3% para mais ou para menos. Infelizmente não consegui a referência bibliográfica da revista Placar que publicou esta pesquisa, já que Arlei Sander Damo omite esta referência em sua bibliografia.

Isto é explicável pois, como mostra a tabela 3, a grande maioria (70,06%) faz sua opção de clube antes dos dez anos de idade. As crianças até esta idade são muito influenciáveis e muitas vezes não tem condições pessoais de realizar uma escolha criteriosa (escolha esta que se manterá para o resto da vida, salvo raríssimas exceções¹⁹).

Tabela 2
Influência na escolha do time

Influência	Grêmio	Inter	Total
Família	31,59%	33,55%	32,50%
Pai	28,85%	30,35%	29,54%
Amigos	12,64%	8,95%	10,93%
Outros	7,14%	10,86%	8,86%
Cores do Time	8,24%	7,99%	8,12%
Fase do Time	5,77%	4,79%	8,12%
Não sabe	5,77%	3,51%	4,73%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado²⁰

Tabela 3
Faixa etária em que ocorre a escolha do “clube do coração”

Idade (anos)	Grêmio	Inter	Total
De 0 a 5	39,45%	47,92%	43,36%
De 6 a 10	26,85%	26,52%	26,70%
De 11 a 15	12,33%	11,18%	11,80%
Acima de 16	16,60%	9,58%	11,21%
Não lembra	8,77%	4,79%	6,93%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado²¹

¹⁹ São raras as exceções de pessoas que trocam de clube quando adultas. Mas na infância é comum que a criança transite por vários clubes, antes de fazer sua escolha definitiva.

²⁰ Tabela extraída de Damo (1998).

²¹ Tabela extraída de Damo (1998).

Com estes dados é observado que, certamente, os parentes e amigos, que influenciam a decisão dos pequenos torcedores, não torcem todos para a mesma equipe. Desta maneira a criança pode escolher qual das influências ela vai acatar e tenderá a escolher o time que possui o maior destaque no momento, que está em melhor fase. Por exemplo, uma criança não tem apenas parentes gremistas ou apenas parentes colorados. Provavelmente ambos os clubes encontram-se representados em sua família e rede de amigos. Sendo assim, a criança sofrerá influência dos dois lados mas, provavelmente, escolherá a equipe que está passando por uma melhor fase, que tenha conquistado um título recente e que esteja em maior evidência no momento.

Com isso podemos afirmar que a fase do time tem grande importância na escolha do torcedor, o que pode ser verificado na tabela 4, que apresenta as opções clubísticas por faixa etária. Com certeza as entrevistas utilizadas para construir esta tabela privilegiam as pessoas entre 15 e 40 anos, em detrimento das demais. Todavia é justamente nas pessoas entre 15 e 40 anos que podemos constatar a relevância da fase do time na escolha clubística. A grande maioria das pessoas que encontram-se na faixa dos 15 aos 25 anos torce pelo Grêmio, enquanto que a maior parte das pessoas que estão entre 25 e 40 anos torce pelo Inter. Esse fato pode ser explicado pois, a partir de 1980, o Grêmio tem conquistado títulos mais expressivos, enquanto que os títulos mais importantes do Inter foram conquistados na década de 70.

Tabela 4
Opção clubística por faixa etária

Idade (anos)	Grêmio	Inter	Total
Menos de 15	0,00%	0,60%	0,29%
De 15 a 25	51,70%	26,35%	39,36%
De 25 a 40	39,77%	58,08%	48,69%
De 40 a 55	0,00%	0,00%	0,00%
De 55 a 70	1,14%	1,20%	1,17%
70 e acima	7,39%	13,77%	10,50%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado²²

Pela tabela acima (tabela 4) pode-se afirmar que as pessoas não escolhem seus clubes levando em conta a questão social. Os colorados não escolhem torcer pelo Inter por ele ser considerado o clube do povo e também os gremistas não escolhem torcer pelo Grêmio por este ter sido fundado pela elite.

²² Tabela extraída de Damo (1998).

5 – Aspectos sociais dos torcedores da dupla Gre-Nal

Arlei Sander Damo traz em sua Dissertação de Mestrado um estudo sobre os clubes e as classes sociais dos torcedores. Ele trabalha com os dados da Pesquisa de Marketing Aplicado da Faculdade de Administração da UFRGS (DAMO, 1998).

Segundo Damo, atualmente os torcedores da dupla Gre-Nal estão simetricamente divididos entre as classes sociais. Conforme a tabela 5, as diferenças de classes entre as duas torcidas são insignificantes. O autor afirma que esperava que as classes menos favorecidas economicamente apresentassem um percentual maior de colorados e que as classes mais favorecidas tivessem um percentual maior de gremistas. Portanto, baseados na tabela 5, poderíamos afirmar que as diferenças existentes na época da fundação das duas equipes desapareceram com o passar do tempo. Entretanto, a seguir procurarei explicitar que, ao menos para os estádios, a argumentação de Damo não é válida.

Tabela 5
Preferência clubística e classe social

Classe Social	Grêmio	Inter	Total
A	6,65%	6,41%	6,54%
B	41,00%	41,67%	41,31%
C	37,67%	39,10%	38,34%
D	11,08%	8,65%	9,96%
E	3,60%	4,17%	3,86%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado²³

Reluto em aceitar a validade dos dados nas tabelas acima, pois conheço a realidade nos estádios das duas equipes. No Beira Rio, com uma simples passada de olhos, é possível constatar que a maioria dos torcedores são negros, e parecem pertencer a camada mais baixa da população. Já no estádio Olímpico se percebe uma menor quantidade de torcedores negros e se tem a impressão de que os torcedores possuem condições sociais melhores, comparados com os torcedores colorados.

Para verificar se os dados apresentados por Damo são representativos, resolvi contar os torcedores na bilheteria do estádio Olímpico e do estádio Beira-Rio, e ver quantos deles eram negros. Escolhi as bilheterias para fazer as contagens pois estas são freqüentadas por todos os torcedores, desde os que assistem aos jogos nas populares até os que assistem aos jogos nas cadeiras. Os resultados obtidos podem ser vistos na tabela 6. O Inter tem consideravelmente mais torcedores negros do que o Grêmio, em seu estádio, contrariando os dados apresentados por Damo. Estes dados que obtive também me surpreenderam de certa maneira, pois esperava que o número de torcedores negros fosse mais alto nos dois casos.

²³ Tabela extraída de Damo (1998).

É importante ressaltar que Damo não trás dados especificadamente dos torcedores que freqüentam os estádios, seus dados são de pessoas entrevistadas em locais públicos, longe dos estádios.

Tabela 6
Percentual de negros nas bilheterias dos estádios

	Negros	Branco	Total
Olímpico	12	88	100
Beira-Rio	42	58	100

Fonte: Tempass (2002a).

Tabela 7
Opinião dos torcedores colorados quanto à proporção de negros.

	Grêmio	Inter	São iguais	Não sabe	Total
Qual é a torcida com mais torcedores negros?	4,2%	83,3%	4,2%	8,3%	100%

Fonte: Tempass (2002a).

Apliquei, entre os torcedores colorados 31 questionários, e uma das perguntas era: Entre Internacional e Grêmio, qual das duas equipes tem mais torcedores negros? Os resultados podem ser vistos na tabela 7. Os colorados, em sua grande maioria, consideram que a torcida colorada tem mais negros que a torcida gremista.

No mesmo questionário também tinha a pergunta: Entre Inter e Grêmio, qual das duas torcidas é a mais pobre? Os resultados podem ser vistos na tabela 8. Comparando as duas torcidas, os colorados se julgam mais pobres que os gremistas.

Tabela 8
Opinião dos torcedores colorados quanto à pobreza.

	Grêmio	Inter	São iguais	Não sabe	Total
Qual é a torcida mais pobre?	4,2%	75,5%	12,5%	8,3%	100%

Fonte: Tempass (2002a).

Entre os torcedores do Grêmio não cheguei a aplicar questionário, mas conversei com alguns deles. Fiz as mesmas perguntas. Não tenho as estatísticas dos resultados, pois foi só uma conversa informal, mas a maioria considerou a torcida do Inter como a mais pobre e com mais torcedores negros, poucos afirmaram que as torcidas se encontravam em condições de igualdade, e nenhum torcedor gremista afirmou que os gremistas são mais pobres e tem mais torcedores negros que os colorados.

Estes dados que coletei mostram que ainda existem reflexos das diferenças sociais existentes quando da fundação dos dois clubes. Os torcedores colorados pertencem a classes economicamente inferiores quando comparados com os torcedores gremistas.

Até nos símbolos que identificam as duas torcidas isso pode ser percebido. Os torcedores gremistas são representados por um mosqueteiro, branco, alto, elegante, todo apumado. Já o Inter possui como símbolo de sua torcida um saci, isto é: um negro, baixo, magro mas barrigudo, sem uma das pernas, mal vestido com as cores do clube e fumando um cachimbo. Tanto

colorados como gremistas reconhecem estes símbolos e os usam largamente em camisetas, faixas, bandeiras, placas, bonés, etc.

Nas charges dos jornais de Porto Alegre e da região metropolitana também podemos perceber, através das caricaturas, as diferenças sociais existentes entre colorados e gremistas. Os colorados sempre são representados graficamente como pertencentes as classes pobres. Os desenhos representam torcedores negros, pobres, mal vestidos, feios, sem instrução e fisicamente fracos. Já os desenhos que caracterizam os torcedores gremistas apresentam pessoas brancas, bem vestidas, com instrução, bonitas, altas e fortes²⁴. Nenhum dos entrevistados colorados se queixou dos símbolos que são conferidos a torcida do Inter, muito pelo contrário, afirmavam que isso reforça a condição do Inter em ser clube do povo. Isso mostra que os colorados se identificam com os símbolos do seu clube. Muitas vezes pude perceber colorados se referindo ao seu clube como um clube de pobres e/ou de negros. “Como é que eles vão me botá um preço destes na camiseta do colorado, eles esqueceram que a gente é tudo uns negro pé-rapado.”

Os xingamentos e talvez por se tratar de xingamentos, não são “bem” aceitos pelos torcedores colorados, mesmo quando dizem respeito à condição social reconhecida pelos símbolos colorados. Os colorados são chamados pelos gremistas de: “macacada”, “macacos²⁵”, “bugrada”, “negrada”, “negros”, “urubus”, “favelados”, “ladrões”, “time de negão”, “chinelagem”, “fugitivos do zoológico”, “chama o IBAMA!”, “soltaram os navios negreiros”, “colorado qué banana!”, entre outros²⁶. Os colorados se reconhecem como negros e pobres, mas não aceitam serem xingados com esses adjetivos.

²⁴ Ver anexo 1.

²⁵ O termo “macaco” é o mais utilizados pelos torcedores gremistas para se referirem aos torcedores colorados. Segundo Damo (1998) este termo “tem cunho notadamente racista; um eufemismo para substituir “negro”, “negrada” e assim por diante. É difícil precisar quando foi inventado mas acredito que desde os anos quarenta os colorados sejam assim referidos. De qualquer forma, no final dos anos sessenta o termo já era de domínio popular” (DAMO, 1998, p.128).

²⁶ Ver anexo 4.

Os colorados em geral não possuem xingamentos dirigidos à classe social e/ou raça dos torcedores gremistas. Apenas uma vez presenciei um torcedor colorado bêbado xingar os gremistas de “bando de branquelas”. O torcedor que xingava era branco. Os principais xingamentos dos colorados para os gremistas dizem respeito a sexualidade.

Uma vez perguntei a um torcedor como ele se sentia quando era chamado de macaco por ser colorado. Ele me respondeu que quando chamam ele de macaco ele responde que prefere ser macaco do que ser gremista “boiola”.

6 – A importância dos estádios para os torcedores da dupla Gre-Nal.

Internacional e Grêmio possuem estádios grandes e modernos. Foi a rivalidade entre as duas equipes que gerou estes estádios, cada um queria ter o melhor e o maior estádio. O Morumbi, estádio do São Paulo é o maior estádio particular do Brasil. Na segunda colocação aparece o Beira-Rio, seguido pelo Olímpico, em terceiro lugar (DAMO, 1998). É interessante observar que a população de São Paulo é imensamente maior que a população de Porto Alegre, logo, na proporção de população Porto Alegre é a cidade mais bem servida de estádios de futebol.

O estádio Olímpico, concluído no início da década de 1980, tinha capacidade estimada em 85.000 torcedores. Porém, no início da década de 1990, ele apresentou falhas de engenharia, sendo interditado pela prefeitura. Para remediar estas falhas todas as arquibancadas superiores foram transformadas em cadeiras, diminuindo a capacidade do estádio para cerca de 60.000 torcedores.

A divisão de setores do estádio Olímpico privilegia os torcedores mais ricos, pois cerca de 2/3 dos lugares são ocupados por setores de cadeiras e setores exclusivos para sócios.

O estádio Beira-Rio, inaugurado em 1969, possuía capacidade estimada para 95.000 espectadores, mas com algumas reformas, como por exemplo a criação de camarotes, esta capacidade diminuiu um pouco ²⁷. No Beira Rio cerca de 2/3 dos lugares são de arquibancadas, acessíveis às camadas mais baixas da população. Existe, no Beira Rio, a arquibancada popular, mais conhecida por “Coréia”, com capacidade para 15.000 torcedores²⁸. O Beira Rio é o único estádio particular do Brasil que ainda mantém a sua arquibancada popular. Mas a elite também é contemplada com cadeiras cativas e a instalação recente dos camarotes vip²⁹.

Assim, os dois estádios têm diferentes segmentações espaciais. Os melhores espaços possuem ingressos mais caros, sendo ocupados pela camada alta da população. O valor do ingresso acaba definindo uma hierarquia entre torcedores de um mesmo clube. Pelos dados apresentados acima fica claro que a estrutura do Beira Rio, comparada com a do Olímpico, privilegia mais os torcedores do “povão”.

Os estádios são chamados de “casa” dos clubes. O Beira Rio é a casa do Inter e dos colorados. O Olímpico é a casa dos gremistas. Os torcedores, tanto colorados como gremistas, tem orgulho dos seus respectivos estádios. Os estádios são freqüentemente motivo de discussões entre gremistas e colorados, como já foi mencionado acima, a rivalidade se estende aos estádios. Cada um quer ter o melhor estádio.

Os gremistas elogiam o estádio Olímpico e depreciam o estádio Beira Rio. E os colorados elogiam seu estádio desqualificando o estádio do Grêmio. Essas discussões geralmente dizem respeito à capacidade de público dos estádios, a estética, a segurança, ao gramado, a iluminação, etc. Colorados e gremistas chamam o estádio do rival de chiqueiro. Durante a realização deste

²⁷ Os dados sobre a capacidade do Beira Rio variam muito, de acordo com a fonte. Cabral e Ostermann (1974), por exemplo, afirmam que o Beira Rio, quando inaugurado, possuía capacidade para acomodar 110.000 torcedores.

²⁸ Apesar de ter capacidade para 15.000 torcedores a direção do Internacional nunca coloca mais de oito mil ingressos populares a venda nas bilheterias, por motivos de segurança.

²⁹ Ver representação gráfica do estádio Beira Rio em anexo 5.

trabalho presenciei várias discussões/provocações entre colorados e gremistas. Os colorados geralmente argumentam a inferioridade do estádio Olímpico afirmando que ele irá cair - “foi o Sérgio Naya quem construiu o Olímpico!”. Os gremistas enfatizam que o Beira Rio foi construído em uma área aterrada no Guaíba, e que irá afundar no aterro - “vocês tão afundando no Guaíba!”

Consegui gravar uma discussão entre um gremista e um colorado em um bar em Porto Alegre. Nela pode ser constatada a importância dos estádios para os torcedores da dupla Gre-Nal.

Gremista: O Beira Rio é um buraco...

Colorado: Buraco! Buraco é o Olímpico que desabou e matou um cara...

Gremista: Não, não desabou, isso é uma injúria...

Colorado: Desabou e matou um cara...

Gremista: Isso é uma injúria, que está colocada na história do Grêmio, o nosso estádio não desabou...

Colorado: Matou um cara e outro ta paraplégico e o Grêmio não ta pagando pensão para ele.

[...]

Gremista: O Internacional pegou a parte que alagava do rio, tirou o rio da nossa cidade [risos], aterraram aquela parte ... a bóia cativa. O Beira Rio é uma bóia cativa.

Colorado: Tirou o rio da cidade?! [risos].

Gremista: Tirou o nosso rio! Fez uma completa degradação ambiental! ... só pode ta afundando mesmo! [...]. (discussão entre colorado e gremista – dezembro de 2002).

A principal diferença entre o estádio Beira Rio e o estádio Olímpico é a arquibancada popular no primeiro. Ela também aparece constantemente nas discussões entre os torcedores. Os gremistas acham que a “Coréia” do Beira Rio é algo extremamente depreciativo, e se orgulham que o Olímpico não tem esta arquibancada – “não sei porque eles não fecham aquilo lá! ... Eles não tem vergonha mesmo!” (depoimento de um torcedor gremista sobre o estádio Beira Rio).

O Beira Rio é chamado por alguns torcedores como o templo do Inter. Nele quem manda é o colorado. O Time colorado manda dentro do campo e a torcida colorada manda nas arquibancadas. Em janeiro de 2003 o estádio Beira Rio foi pintado, isso não acontecia há muitos

anos. O jogo era amistoso e o Inter ainda não estava com a equipe completa. Muitos torcedores foram assistir o jogo para conferir a pintura do Beira Rio – “Eu vim pra vê a pintura! Já tinha visto na TV, mas quis vê de perto. Até que enfim deram um trato na nossa casa!”

7 – A “Coréia” e os “coreanos”

Como já foi mencionado na introdução, a “Coréia” se diferencia muito fisicamente das outras arquibancadas. Em formato de anel ela circunda todo o campo de jogo. Localizada abaixo das arquibancadas inferiores, em um patamar bem mais baixo, é a arquibancada mais próxima do gramado, ficando os torcedores a uma distância de menos de dez metros do campo. Como os próprios torcedores afirmam: a “Coréia” é um valo, um fosso, uma trincheira de guerra.

Da “Coréia” se tem uma visão muito ruim do gramado. Placas de publicidade, casamatas, seguranças e repórteres são barreiras que atrapalham e/ou impedem a visão dos torcedores “coreanos”. Mas existem alguns poucos pontos específicos em que se obtém uma melhor visão do jogo.

Por estar situada abaixo do nível do gramado os torcedores têm que assistir os jogos de futebol em pé. As pessoas de baixa estatura têm que se acomodar em locais onde nenhum outro torcedor fique na frente, ou sentar no murinho que separa a “Coréia” do fosso, mas nesse caso ele acaba prejudicando a visão dos demais torcedores.

Existem dois tipos básicos de torcedores na “Coréia”: os “nativos”³⁰ e os “eventuais”. Os primeiros estão em todos os jogos e gostam de freqüentar a arquibancada. Os segundos freqüentam a “Coréia” por motivos financeiros e se fazem presentes em maior número nos jogos mais importantes.

Os “nativos” são um grupo de pouco mais de cem colorados que, como foi dito anteriormente, assistem todos os jogos do Inter na “Coréia” porque gostam. A maioria deles são senhores de mais de quarenta anos de idade, que freqüentam a “Coréia” há muitos anos (alguns deles freqüentam a “Coréia” desde a inauguração do Beira Rio). Os “nativos” conhecem os lugares que possibilitam uma melhor visão do campo de jogo e sempre chegam cedo aos jogos para conseguir ocupá-los antes dos outros torcedores.

A maioria dos “nativos” não possuem problemas financeiros. Alguns deles são sócios do Inter, tendo direito a freqüentar a arquibancada social. Eles se associam para ajudar financeiramente o clube e usufruir das dependências do Parque Gigante³¹. Outros assistem os jogos na “Coréia” enquanto a esposa e os filhos assistem o jogos das cadeiras.

Nos dois primeiros jogos do Inter no Beira Rio no ano de 2003, jogos amistosos, a direção colorada resolveu premiar os torcedores “coreanos” abrindo o portão de acesso à arquibancada inferior durante o intervalo. Isso porque o estádio estava praticamente vazio. A grande maioria dos “coreanos” foi para a arquibancada inferior. Mas, os “coreanos nativos” permaneceram, pois a “Coréia” é o lugar deles. Um dirigente do Inter conta a seguinte história:

[...] Isso aí aconteceu há anos atrás, o pessoal que me contou. Diz que ... um dia de chuva ... um jogo com uma chuvarada ... veio ordem do presidente, eu nem sei exatamente quem era o presidente na época, de abrir a “Coréia”. E alguns torcedores não saíram. E ficou um cidadão, já de idade, na “Coréia”. E aí o pessoal visualiza e mandaram o chefe da segurança da época falá com o torcedor. E o torcedor disse não, que agradecia muito o presidente tê aberto, convidado lá, mas ele era da “Coréia” e não sairia dali. Ai o pessoal convidou

³⁰ Conforme os próprios torcedores se chamam.

³¹ O Parque Gigante é o clube social do Sport Clube Internacional.

para ele ir lá na cabine. Ele disse que não, que ele gostaria de ficar ali, por que ali era o lugar dele. E até, na época, o presidente mandou, então, pegá o nome dele e passa um kit que nós tínhamos de capa. Era uma bolsa que tinha todos os itens do futebol. Então assim ó: tem torcedor coreano ... ele é extremamente fiel ao local. Tem gente que não ... Pode o estádio tá vazio, sê de graça ... e ele vai para a “Coréia” [...] (dirigente do Internacional).

Já os torcedores “coreanos eventuais” não gostam da “Coréia”, mas a freqüentam porque não possuem recursos econômicos para acessar as outras arquibancadas. Se tivessem melhores condições não freqüentariam a “Coréia”. Em todos os jogos tem alguns torcedores “eventuais”. Porém, nos jogos importantes, como decisões ou clássicos Gre-Nal, é que eles realmente se destacam, superando em até oitenta vezes o número de “coreanos nativos”³².

Alguns coreanos “nativos”, apesar de assistir todos os outros jogos, não assistem os clássicos Gre-Nal e as decisões na “Coréia”. Eles não gostam do excesso de público. Nas palavras de um “nativo”:

Vem aquele bando todo de gente tirá o nosso espaço ... A gente vem aqui todos os jogos, eles só vem umas três, quatro vez por ano ... E aí a gente, que incentivou o time o campeonato inteiro, não pode assistí o jogo... Não dá pra vim. Gre-Nal nem pensar. É terrível.

Quanto menor o público na “Coréia” maior é a tranqüilidade dos torcedores. É comum, nos jogos de pouco público, que alguns poucos torcedores levem suas esposas e/ou filhos para assistirem os jogos. Mas mesmo assim, mulheres e crianças são constatações raras na “Coréia”. Quanto maior o público na “Coréia” menor o número proporcional de mulheres e crianças. Elas são sempre torcedoras “eventuais”, pois entre os “nativos” só existem homens.

O “nativo” gosta da “Coréia” porque ele fica mais perto do campo de jogo. Seus aplausos e vaias podem ser escutados pelos jogadores. Ele gosta da mobilidade que esta arquibancada proporciona, possibilitando o deslocamento constante do torcedor. O coreano, além de incentivar

³² Nos jogos mais importantes a “Coréia” chega a receber um público de oito mil pessoas. Os “nativos” são cerca de cem torcedores. Os outros 7.900 expectadores são os torcedores “eventuais”.

o time, ele cobra e orienta os jogadores. Para isso ele precisa estar perto deles e poder se deslocar.

Um jornalista esportivo afirmou o seguinte:

Hoje existem pessoas que não saem da “Coréia” por nada nesse mundo, por que eles estão próximos, eles podem até mesmo xingar o jogador, e ali os jogadores vão escutá eles. Então é uma maneira de tá mais próximo do jogador, não só pra aplaudir, mas também para criticar. Ali os jogadores estão saindo a 5, 10 metros deles. Então, ali pra eles é mais vantagem, é bem mais emocionante (entrevista com um jornalista esportivo).

O “coreano” tem funções no jogo de futebol. O desempenho da equipe não depende apenas dos jogadores dentro do campo, depende também das funções desempenhadas pelos torcedores. Nos torcedores “coreanos” esta função é mais evidente e mais importante, pois eles se consideram como parte do jogo. São eles que vão incentivar ou vaiar a equipe, intimidar os jogadores adversários, solicitar alterações ao treinador e até orientar os jogadores dentro do campo. Isso porque eles também fazem parte da equipe.

Esta função é reconhecida pelos jogadores. Como afirma o jogador Daniel Carvalho: “Não, com certeza. Eles ficam muito perto da gente, né? Então o cara acaba escutando. Ali, o cara vai cobrar um escanteio, o cara escuta, um por um falando. O cara vai batê uma falta e escuta o grito. Isso é normal.”

Destaco este trecho do meu diário de campo que pode elucidar melhor a função do “coreano” em relação ao time.

[...] Cheguei na “Coréia” cerca de quarenta e cinco minutos antes do início da partida. Mesmo com o ingresso reduzido havia poucos torcedores na “Coréia”. [...] Somente os de fé estavam lá [os nativos]. Eles estavam decepcionados com a impossibilidade do Inter se classificar para a segunda fase do campeonato brasileiro e, por isso vaiavam os jogadores que faziam o aquecimento no gramado. Dois jogadores eram mais visados pelas vaias – Cássio e Luizinho Neto – por serem, segundo os torcedores, os responsáveis pela última derrota do Inter. Os coreanos estavam vaiando quando um torcedor da arquibancada social começou a aplaudir. Aí os coreanos pararam de vaiar, se viraram, e começaram a xingar o cara da social, que retrucou. Instalou-se um bate-boca generalizado, [...] que durou mais de cinco minutos. É que, segundo os coreanos, o papel deles é vaiar quando algo vai mal – e o Inter está indo mal – e o torcedor da social estava

fazendo justamente o contrário – aplaudindo. Chegaram a chamar o torcedor que aplaudia de gremista, pois aplaudindo ele deseja que o time continue como está. O torcedor do Inter, segundo um informante, deve aplaudir quando merecido, incentivar sempre e, vaiaar quando algo vai mal. O torcedor mais exaltado – “Depois esses merda se queixam que o Inter não ganha nada faz anos. Também, eles só sabem aplaudir. Sócio é foda. [...] Eles têm que saber que não estão agradando”. Quando a partida começou as vaias pararam e os coreanos trataram de incentivar o time. [...] (observação do jogo Inter x Coritiba – campeonato brasileiro 2002).

Os torcedores da “Coréia”, mais do que qualquer outro torcedor, fazem jus à definição de Debrun de que o torcedor que vai ao estádio é uma espécie de “observador participante” do espetáculo (DEBRUN apud DAMO, 1998, p.64). Eles não vão ao estádio apenas para assistir os jogos, eles realmente participam do espetáculo. Eles são parte do espetáculo.

Os “coreanos”, “nativos” ou “eventuais”, são torcedores extremamente fanáticos. Os primeiros por assistirem todos os jogos. Os segundos por se sujeitarem a uma arquibancada que não gostam para poderem torcer pelo seu time do coração. Eles são muito mais intensos. Essa maior intensidade é reconhecida por todos os demais torcedores, pelos dirigentes e jogadores do Inter.

Normalmente o torcedor da “Coréia” ele é mais fanático. [...] ele é mais constante (dirigente do Internacional).

Então o pessoal já vai para a “Coréia”, fica de pé o tempo todo, fazendo festa, gritando [...] ela é bem mais vibrante (torcedor da social).

Acho que eles demonstram mais emoção ... isso aí a gente sabe que eles mesmo têm um amor pelo clube, e demonstram em todos jogos (goleiro João Gabriel).

Eu acho que ... pra mim assim ... eles são os mais colorados (jogador Claiton).

Este fanatismo é positivamente valorizado pelos demais torcedores, pelos dirigentes, pelos jogadores e pelos jornalistas. Os “coreanos” são admirados pelo seu fanatismo³³.

³³ Ver anexo 3.

7.1 - A classe social dos “coreanos”

Os “coreanos” são considerados pobres. Isso pode ser percebido nos relatos de outros torcedores, dirigentes, jogadores e jornalistas. Segundo eles o que leva um torcedor a freqüentar a “Coréia” é a falta de recursos econômicos para acessar outra arquibancada melhor. Se tivessem condições freqüentariam outras arquibancadas.

Eles reconhecem que existem alguns “coreanos”, que possuem condições econômicas de freqüentar outras arquibancadas. No entanto, estes foram “pobres” por muito tempo, e freqüentando a arquibancada popular acabaram se acostumando com ela. Ou seja, a condição econômica, anterior ou atual, é determinante para os freqüentadores da “Coréia”. Os relatos que seguem exemplificam muito bem o que se pensa sobre a condição social dos “coreanos”:

É, quase sempre são os que não têm tantas condições pra comprar um ingresso pra melhor ... fica melhor colocado, né? Sempre são os que juntam dinheiro durante a semana pra vê se conseguem vim assistí o jogo. O cara reconhece isso. Menos mal, né? (jogador Daniel Carvalho).

São pessoas que têm pouca vantagem em termos financeiros. E vêm todos o jogos. Ficam alí em pé. Sofrem mais, mas tão alí sempre. Momentos ruins, momentos bons, tão alí ajudando nós (jogador Claiton).

Pelo valor que é cobrado, né? Eu acredito que é o pessoal do povo mesmo, as pessoas sem condições. É apaixonado pelo futebol, e a oportunidade que tem em relação à “Coréia” de poder assistir um jogo de futebol. A “Coréia” se torna um fator viável para poder assistir o futebol (torcedor da social).

O pessoal que vem para a “Coréia” é o pessoal da periferia ... que ganha menos ... evidentemente isso pesa (torcedor das cadeiras).

É sim, eles freqüentam o lugar mais barato, porque eles não têm condições de ... A entrada é muito cara e eles são pessoas humilde. Então eles tão sempre nas mais inferiores (Papai Noel do Beira Rio).

[...] Aqueles torcedores que se acostumaram a ir na “Coréia”, mesmo que tenham de alguma forma conseguido melhor poder aquisitivo durante a vida (jornalista esportivo).

O principal fator é o financeiro. Realmente o financeiro é o que influencia. Mas como disse o colega, eles acabam pegando gosto ... se acostumam (jornalista esportivo).

Os trechos acima mostram que, para os que vêm de fora, ser “coreano” é sinônimo de ser “pobre”. Ou, em alguns poucos casos, sinônimo de ter um passado de pobreza.

Cabe esclarecer aqui que a grande maioria dos torcedores “coreanos”, “nativos” ou “eventuais” pertencem à etnia negra. Um dos “nativos” mais velhos, cerca de setenta anos, conta que nos primeiros tempos do Beira Ria a “Coréia” era uma arquibancada ocupada exclusivamente por torcedores negros. Aos poucos os torcedores brancos começaram a freqüentar a “Coréia”. Mas a grande maioria dos “coreanos” ainda são torcedores negros.

7.2 - As drogas e bebidas alcoólicas

Junto ao único portão que dá acesso a arquibancada popular encontram-se os banheiros e a copa. Na copa são vendidos refrigerantes, água e cerveja. Porém, em comparação com as outras arquibancadas, a copa da “Coréia” é pouco freqüentada. São pouquíssimos os “coreanos” que consomem bebidas alcoólicas no estádio. Mas isso não significa que os “coreanos” não se alcoolizem para assistir os jogos. A maioria deles prefere consumir bebidas alcoólicas antes ou depois dos jogos, fora dos estádios, pois os preços no estádio são bastante caros³⁴.

Alguns torcedores simplesmente não tomam cerveja porque na “Coréia” só é vendida a cerveja Kaiser, pior marca de cerveja na opinião dos “coreanos”. Eles reclamam bastante disso e em um jogo até chegaram a improvisar um protesto solicitando outras marcas de cerveja.

³⁴ É proibido o ingresso no estádio, em qualquer arquibancada, com bebidas alcoólicas. Essa proibição tenta forçar os torcedores a consumir as bebidas das copas do estádio.

Acontece que nas outras arquibancadas são vendidas outras marcas de cerveja, melhores na opinião destes torcedores, e pelo mesmo preço da cerveja Kaiser.

Os “coreanos”, bebendo antes de ingressar no estádio, geralmente consomem bebidas como cachaça ou vinho, pois são mais baratas e demoram menos para fazer efeito, ou seja, tem um “melhor custo/benefício”. Sendo assim, boa parte dos torcedores chegam bastante alcoolizados ao estádio³⁵. Mas isso não pode ser generalizado, pois muitos “coreanos” preferem assistir os jogos sóbrios.

A “Coréia” é a arquibancada do estádio Beira Rio onde mais se consomem drogas, segundo os entrevistados e minhas observações. Presenciei jovens fumando maconha em todas as observações que realizei. Estes jovens pertencem ao grupo dos “coreanos” eventuais. Muitos deles acabam nem assistindo o jogo, pois ficam distraídos conversando em pequenos grupos, olhando para todos as direções menos para o campo de jogo. Às vezes ficam sentados no chão da arquibancada sem ver nada do jogo.

Eles escondem a maconha dentro da cueca para passar pela revista feita pela Polícia Militar no portão de entrada. Como afirma um informante: “o fodido é passar pela Brigada, depois tá liberado”. Dentro da arquibancada os usuários não têm maiores preocupações para consumir a droga, como diz outro informante: “aqui é legalizado”. Apenas nos jogos de menos público é que os “maconheiros” necessitam tomar cuidados maiores e vigiar o deslocamento de policiais nas outras arquibancadas. Neste caso, enquanto um fuma, protegido pelo muro divisor das arquibancadas, outro vigia encostado na mureta do fosso.

A presença de policiais na “Coréia” é bastante escassa. Nas minhas observações nunca presenciei mais de três policiais na “Coréia”, facilitando o consumo de drogas. Quando acontece o deslocamento da polícia pela arquibancada os “maconheiros” são alertados pelos outros

³⁵ Paulino Rolim de Moura (1970) analisa a “íntima relação entre futebol e cachaça”.

torcedores, com gritos como: “olha a chuva!”, “acho que vai chover!”, “nuvens carregadas à esquerda”.

Os “nativos” não fumam maconha no estádio, mas não “esquentam” com a presença dos maconheiros. Numa das minhas observações presenciei um “nativo”, de idade avançada, orientar um “maconheiro”, que já estava bastante chapado, para fumar sentado no chão, evitando “dar muita bandeira”.

O consumo de drogas é percebido pelos demais torcedores e até pelos jogadores em campo (já estes sentem o cheiro de maconha no campo). Um torcedor que não frequenta a “Coréia” afirma o seguinte:

[...] Hoje não tem como tu trazê um filho. Hoje em dia, além do mau comportamento das pessoas ... qué dize, os nego vão lá ... os nego fumam maconha abertamente, na cara dura, sabe? Na frente dos teus filhos ... O que tu vai passar para os teus filhos? ... Por exemplo, um cara fumando uma maconha, uma baita duma vela, fumando maconha ali dentro. [...] Isso aí virou um inferno cara. Isso aí é pior que “guanxuma”, dá em qualquer canto, os cara abertamente ... [...] Mas só que as pessoas, realmente, elas fazem daquilo ali um inferno (torcedor do Inter).

Outro torcedor defende o fechamento da “Coréia” por causa do uso de drogas pelos torcedores:

[...] Hoje em dia eles não fecharam a “Coréia” aí porque coisa maior não aconteceu. Talvez, os cara né? ... Uma questão de consciência ... a própria direção do Internacional ... mas tu vê os nos outros estádios aí fora é isso aí cara. Eles fecharam. Terminaram com isso aí tudo. Entendeu? [...] (torcedor das cadeiras).

7.3 - Os “coreanos” e a violência

Existe a idéia, por parte dos demais torcedores que o índice de violência é maior na “Coréia”. Nas entrevistas realizadas com os torcedores “não-coreanos” (das demais

arquibancadas) pude perceber que muitos têm medo de ir na “Coréia”. Segundo eles, na “Coréia”, sempre tem confusão, brigas, correria, etc. E isso sempre é associado com a classe social dos “coreanos” e o consumo de drogas. Muitos dos meus colegas de faculdade me chamaram de louco por fazer este trabalho na “Coréia” – “Tu é louco de ir na “Coréia!””, “Cara, aquilo lá é uma loucura. Sempre rola uma pancadaria. Sempre que eu vou no Beira Rio tem alguma confusão lá na “Coréia”. Dois dos entrevistados ainda contam que os policiais que cuidam desta arquibancada são os “mais fodidos”, predestinados a usar a violência para conter qualquer manifestação.

Mas, contrariando os depoimentos dos entrevistados, nas catorze observações que eu fiz na arquibancada popular não presenciei sequer uma briga. Torcedores “coreanos” antigos relatam que há anos não ocorrem brigas generalizadas na arquibancada. Um repórter de campo afirma o seguinte:

[...] Por incrível que pareça, o lugar no Beira Rio que dá menos briga, é na “Coréia”. O pessoal um respeita o outro. Então, é praticamente uma comunidade. Todo mundo se respeita ali. Pode vê que ali não existe briga. Pra haver briga na “Coréia”, meu amigo, tem que algo assim ... nunca visto antes. Eu não me lembro. São mais de 10 anos, quase 10 anos trabalhando aqui e eu nunca vi briga na “Coréia”. Então, é um negócio fantástico. [...] (repórter de campo).

A segurança do Beira Rio é feita pela Brigada Militar em conjunto com os seguranças do Inter. Os primeiros cuidam dos torcedores e os segundos cuidam dos portões de entrada e da parte patrimonial. A Brigada Militar confirma que não ocorrem brigas na “Coréia” (tanto é que a “Coréia” é a arquibancada menos policiada). Os raros policiais que nela circulam não são os “mais fodidos”. Pelo contrário: são policiais de baixa estatura e muitos deles são mulheres³⁶. A direção do Inter confirma que os “coreanos” não trazem maiores problemas. Segundo o

³⁶ Isso não significa que pessoas de baixa estatura e mulheres não possam ser violentas.

responsável pela segurança de todo o complexo Beira Rio³⁷, o Inter possui um esquema de segurança igual para todos os setores, não adotando nenhuma medida especial para a “Coréia”.

Realmente existe muita correria na “Coréia”, mas isso não significa violência. O “coreano” gosta se movimentar bastante durante os jogos. Muitas vezes eles são obrigados a mudar de lugar para melhor acompanhar um lance. Eles correm para perto dos jogadores que comemoram os gols; correm atrás das bolas que caem na arquibancada; correm para xingar o juiz ou o bandeirinha; correm para pegar as camisetas que os jogadores atiram após os jogos. Enfim, os “coreanos” passam o jogo inteiro se movimentando. Isso se deve à intensidade do ato de torcer.

Os “coreanos” também são constantemente responsabilizados pelas invasões de campo e arremesso de objetos para dentro do campo. Durante as minhas observações não ocorreram arremessos de objetos para dentro do campo, mas os “coreanos nativos” afirmam que fatos deste tipo, infelizmente, ocorrem com frequência. Em relação às invasões de campo, pude observar duas, mas ambas após o encerramento das partidas. A primeira ocorreu na final do supercampeonato gaúcho de 2002, quando três “coreanos” invadiram o campo para comemorar o título com os jogadores. A segunda aconteceu no Gre-Nal do campeonato brasileiro de 2002, quando um torcedor invadiu o campo, logo após o término da partida para agredir o goleiro gremista Danrlei. As invasões de campo são um espetáculo à parte. Quando são bem sucedidas são comemoradas como se fossem gols.

Outro espetáculo à parte são os “coreanos” que invadem as arquibancadas sociais ou inferiores. Essa tarefa é muito complicada, pois além de ultrapassar uma enorme cerca de arame farpado, os invasores ainda têm que conseguir escapar das garras dos policiais. Quando assistia os jogos da arquibancada inferior, por várias vezes presenciei as invasões dos “coreanos”. Porém,

³⁷ O complexo do Beira Rio é formado pelo estádio, Gigantinho, campos suplementares e Parque Gigante.

durante as minhas observações na “Coréia” não presenciei nenhuma tentativa de invasão com êxito. Só tentativas frustradas. Um torcedor que tentou a invasão acabou cortando o pulso no arame farpado e teve de ser levado às pressas para o hospital pela ambulância do estádio.

7.4 - O Inter em função dos torcedores

Conforme Norbert Elias (1992), a maioria dos trabalhos estudam os torcedores de futebol em função dos clubes de futebol (o torcedor torce por um clube). Mas Elias propõe que se estudem os clubes em função dos torcedores (o clube joga para os torcedores). Assim procurei analisar a importância que o Sport Clube Internacional dá aos seus torcedores “coreanos”.

Como foi visto acima, jogadores e dirigentes do Inter consideram os torcedores “coreanos” como os mais fanáticos entre todos os torcedores colorados. Também foi mostrado que os dirigentes e jogadores consideram estes torcedores como pertencentes às mais baixas camadas econômicas e “não-violentos”.

Os dirigentes e jogadores do Internacional têm um profundo respeito e admiração pelos torcedores “coreanos” e reconhecem sua importância para as conquistas de clube. Como nas palavras do goleiro João Gabriel: “Acho que o torcedor da “Coréia” é um torcedor especial que a gente dá o maior valor pra eles. Tanto é que depois quando a gente dá a camisa, alguma coisa, é sempre pro pessoal da Coréia” (goleiro João Gabriel).

Todo colorado tem orgulho de pertencer ao clube do povo³⁸. E um dos fatores que mais caracteriza o Inter como clube do povo é a arquibancada popular. Enquanto a “Coréia” existir, os

³⁸ Uma análise mais detalhada sobre o orgulho do colorado de pertencer ao clube do povo pode ser encontrada em Tempass (2002a).

colorados terão respaldo para afirmar, como sugere o hino do clube, que pertencem ao “clube do povo do Rio Grande do Sul”. Por isso o Inter vem brigando na justiça para manter a “Coréia” aberta ao público. O Inter é o único grande clube do futebol brasileiro que ainda mantém a arquibancada popular. Como conta um dirigente do Sport Clube Internacional:

[...] Até, hoje, esses lugares de pé estão proibidos, pela FIFA ... [...] Nós lidamos através de uma medida cautelar. Uma medida pra fazer funcionar. Mas, inclusive, isso aí não é mais permitido. [...] Porque o próprio ministério público ... Tem um trabalho do ministério da justiça. E o ministério público num termo que existe aí, ela, queria que o Internacional fechasse a popular. Nós estamos mantendo enquanto é possível. Mas pelo ministério público, pela FIFA, pela federação, já teríamos que ter sido fechada. Teve uma época, a uns tempos atrás, que nós tivemos que manter ela fechada por um período, depois reabrimos. [...] Dentro desse termo que veio do ministério da justiça, que chama-se termo de ajustamento, tem várias coisas, em relação a torcida, violência dos estádios. Ela é voltada pra isso. Uma das determinações é que não funcione a “Coréia”. Mas em razão da grande tradição, a pedido dos torcedores, o Internacional tem conseguido manter ela aberta pra recebê os torcedor [...] (dirigente do Inter).

7.5 - Os “coreanos” estigmatizados

Nos sub-itens anteriores procurei mostrar que os “coreanos” são considerados pelos demais torcedores como pobres, desordeiros, violentos, drogados e altamente fanáticos³⁹. O fanatismo e a pobreza dos “coreanos” também são reconhecidos pelos jornalistas, jogadores e dirigentes do Sport Clube Internacional.

Erving Goffman (1963) afirma que cada sociedade categoriza, através de meios previamente estabelecidos, “as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. Cada categoria possui atributos desejáveis e indesejáveis, determinados socialmente. Goffman define como “estigmas” os

³⁹ Uma análise mais detalhada das opiniões dos demais torcedores sobre os torcedores “coreanos” pode ser encontrada em Tempass (2003).

atributos profundamente depreciativos e indesejáveis. As pessoas que diferem do que é comum e natural em uma sociedade são estigmatizadas, são valoradas negativamente (GOFFMAN, 1963).

Como vimos os “coreanos” não são torcedores normais. Eles diferem muito dos demais torcedores. Eles diferem do que é comum e natural para os torcedores de futebol. Seus atributos são indesejáveis. Os demais torcedores classificam os torcedores “coreanos” como pobres, desordeiros, violentos e drogados. Essas características atribuídas aos torcedores da “Coréia” são profundamente indesejáveis. Como mostrei acima, estas atribuições em relação aos “coreanos” são fictícias. Mas mesmo assim ser “coreano” é sinônimo de ser pobre, desordeiro, violento e drogado. Assim, os “coreanos” possuem, na opinião dos demais torcedores, atributos negativamente valorados. Os “coreanos” são estigmatizados.

Os torcedores da “Coréia” também diferem do que é considerado normal para um torcedor de futebol pelo seu excessivo fanatismo pelo clube. Mas, contrariamente, o fanatismo dos “coreanos” é considerado um atributo positivo pelos demais torcedores, jornalistas, jogadores e dirigentes do Internacional. O excessivo amor demonstrado pelo clube é positivamente valorado e desejável. Assim, estes torcedores também possuem uma espécie de “estigma positivo”. Assim sendo, os torcedores “coreanos” são duplamente estigmatizados: de forma negativa e positiva.

Goffman (1963) sugere que os estigmatizados possuem a sensação de não saber ao certo aquilo que os outros, categorizados como normais, estão realmente pensando deles. Mas, no caso dos “coreanos” isso não se confirma, pois os “coreanos” sabem exatamente o que os outros torcedores pensam deles. Eles sabem que são considerados pobres, desordeiros, violentos, drogados e excessivamente fanáticos. Mas esse estigma que o “coreano” carrega aparentemente não traz nenhum problema para estes torcedores.

7.6 - A “Coréia” como *communitas*

Nos estudos brasileiros sobre futebol e seus torcedores é amplamente difundida a idéia de que nos estádios as diferenças e os preconceitos do cotidiano desaparecem em razão de um sentimento lúdico e festivo. Estes estudos argumentam que o sentimento de pertencimento clubístico faz desaparecer as noções estabelecidas a priori de status e hierarquia. Assim ricos e pobres torceriam juntos pelo mesmo clube⁴⁰ (DAMO, 1998).

Porém, como foi mostrado anteriormente, nos estádios de futebol os melhores lugares (arquibancadas) são os de acesso mais caro e os piores, como a “Coréia”, são os que possuem um valor de acesso mais acessível à classe popular. Isto é: os estádios são socialmente segmentados. Os ricos assistem os jogos nas melhores arquibancadas, enquanto que para os pobres resta o acesso às piores arquibancadas.

Isso põe em dúvida a idéia de igualdade no futebol defendida pela maioria dos estudiosos sobre o futebol. Embora ricos e pobres, atualmente, possam torcer por uma mesma agremiação esportiva, no estádio eles ocuparam espaços diferentes, hierarquizados. Como afirma Damo:

A crença de que patrão e empregado alegram-se ou entristecem abraçados constitui-se numa ficção, até certo ponto romântica, [...] provavelmente, ocuparão espaços diferenciados, o primeiro, no andar de cima e o ‘outro’, no andar de baixo. E isto vale tanto para gremistas quanto para colorados (DAMO, 1998, p. 130).

No estádio Beira Rio, enquanto que os ricos assistem os jogos dos camarotes ou das cadeiras, os pobres os assistem da arquibancada popular, da “Coréia”. Porém, como foi mostrado anteriormente neste trabalho, muitos dos torcedores que freqüentam a “Coréia” possuem condições econômicas suficientes para acessar arquibancadas melhores e mais caras. (como foi

⁴⁰ Um exemplo desses estudos é DaMatta (1982).

dito anteriormente, alguns torcedores “coreanos” são sócios do Sport Clube Internacional). Então, ricos e pobres se misturam na “Coréia” devido ao fanatismo pelo clube.

Victor Turner (1974, p. 118-120) chamou de *communitas* (antiestrutura) o processo social extraordinário de suspensão das normas, leis e status. Um momento de igualdade. Na “Coréia” existe um acordo tácito entre os torcedores. Além do pertencimento clubístico, eles partilham as mesmas atitudes e comportamentos. Como afirma um repórter esportivo: ... “é praticamente uma comunidade”. Nela não existe hierarquia, todos são iguais, pois lá a única coisa que importa é ser colorado fanático, e isso todos os “coreanos” são. Nela ricos e pobres se abraçam, comemoram juntos o gol ou sofrem juntos na derrota. Isolando-a das demais arquibancadas, podemos afirmar que a “Coréia” é um exemplo de *communitas*, pois as normas, leis e status sociais são momentaneamente suspensos.

8 - Conclusão

Grêmio e Internacional foram fundados um em oposição ao outro, o primeiro como clube de elite, o segundo como clube do povo. Isso deu início a uma grande rivalidade, responsável pela grandeza dos dois clubes. Essa rivalidade faz com que Grêmio e Internacional constituam um todo indissociável.

Com o passar do tempo e com as conquistas de títulos, membros da elite local foram se tornando torcedores do Inter, antes fundado com clube do povo. Boa parte do espaço do estádio Beira Rio (os melhores lugares) é destinado à elite dos torcedores. Ao povo do “clube do povo do Rio Grande do Sul” restou a pior arquibancada, a “Coréia”.

Muitos dos “coreanos” possuem condições econômicas de freqüentar as outras arquibancadas mais caras, mas vão na “Coréia” porque gostam (“coreanos nativos”). É ali que se encontram os mais fanáticos torcedores colorados. E dali, apenas dali, eles podem exercer a função de auxiliar o time em campo.

Os outros torcedores consideram a “Coréia” como um lugar de torcedores fanáticos, pobres, desordeiros, violentos e drogados. Isso não é totalmente verdadeiro, mas estigmatiza os torcedores “coreanos”.

Na “Coréia” ricos e pobres torcem juntos, vibram e choram, sem nenhuma hierarquia. A única coisa que importa para eles, e que os une, é o amor pelo clube do coração. Isso faz da “Coréia” um exemplo de *communitas*.

Assim posso concluir que os “coreanos” são um tipo diferenciado e especial de torcedores de futebol. Um tipo extremo, bastante raro, que existe apenas no estádio Beira Rio, pois o Sport Clube Internacional é o único dos grandes times do futebol brasileiro que ainda mantém a arquibancada popular em funcionamento.

Referências bibliográficas

BRAGA, Kenny. **Inter: 90 anos de paixão**. Porto Alegre: Já Editores. 1999. 144p.

CABRAL, Cid Pinheiro e OSTERMANN, Ruy Carlos. **O admirável futebol brasileiro**. Porto Alegre: Ed. Gaúcha. 1974. 126p.

CÉSAR, Benedito Tadeu. Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo ou o duelo. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Campinas/UNICAMP. 1981. 205p.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In.: **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke. 1982.

DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Porto Alegre/UFRGS. 1998. 242p.

DENARDIN, Pedro Ernesto e DIENSTMANN, Cláudio. **Um século de futebol no Brasil: do Sport Club Rio Grande ao Clube dos Treze**. Porto Alegre: Gráfica APLUB. 2000. 156p.

DESHAIES, Bruno. **Metodologia de Investigação em Ciências Humanas**. Lisboa: Instituto Piaget. 1992.

DIAS, Celso Osório da Silva. Olê, Olá o nosso time tá botando prá quebrá – um estudo sobre torcidas organizadas de futebol no Brasil. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS. 1991. 276.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel. 1992. 421p.

FONSECA, Claudia Lee Williams. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. 2000. 245p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara. 1989.

GOFFMAN, Erving. Estigma e identidade social. In. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1963.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração. 2001. 164p.

MACIEL, Maria Eunice. Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão. In.: FÉLIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio (org.). **Mitos e heróis: construção de imaginários**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS. 1998. 253p.

MOURA, Paulino Rolim de. **O livro negro do futebol**. São Paulo: Ed. Jornal dos livros. 1970. 184p.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Editora Vozes. 1992. 143p.

SCHADER, Achim. **Introdução à pesquisa social empírica; um guia para o planejamento, a execução e a avaliação de projetos de pesquisa não-experimentais**. Porto Alegre: Atlas. 1991.

TEMPASS, Martín César. A desigualdade entre os torcedores da dupla Gre-Nal. **Monografia** (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

TEMPASS, Martín César. O perfil eleitoral dos torcedores da arquibancada popular do estádio Beira Rio – Porto Alegre – 2002. **Monografia** (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

TEMPASS, Martín César. Os malditos da Coréia: um estudo antropológico das representações sobre os torcedores da arquibancada popular do estádio Beira Rio – Porto Alegre – 2003. **Monografia** (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Editora Autores Associados. 1996.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

Sites consultados:

Página colorada: Sport Clube Internacional – clube do povo. Disponível em:
www.paginacolorada.hpg.ig.com.br .

Acesso em: 02 mar.2003.

Site oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Disponível em : www.gremio.net .

Acesso em: 23 set. 2002.

Site oficial do Sport Clube Internacional. Disponível em: www.internacional.com.br .

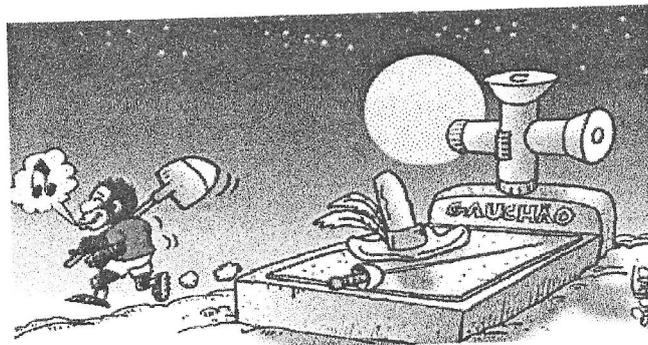
Acesso em: 16 fev. 2003.

Anexos

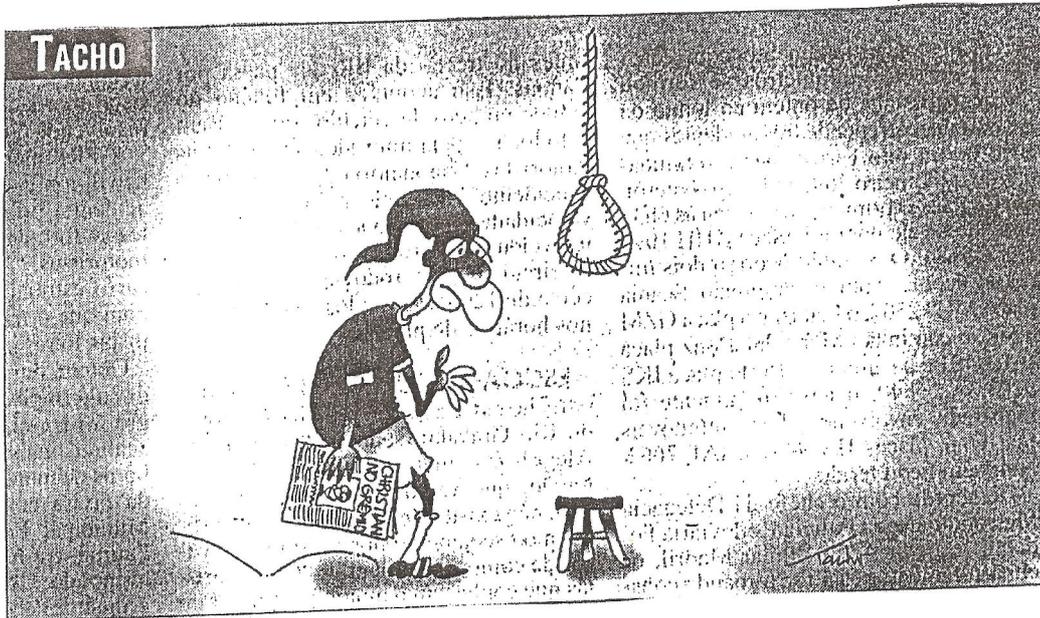
Anexo 1



Fonte: página colorada – acesso em 02 mar. 2003.



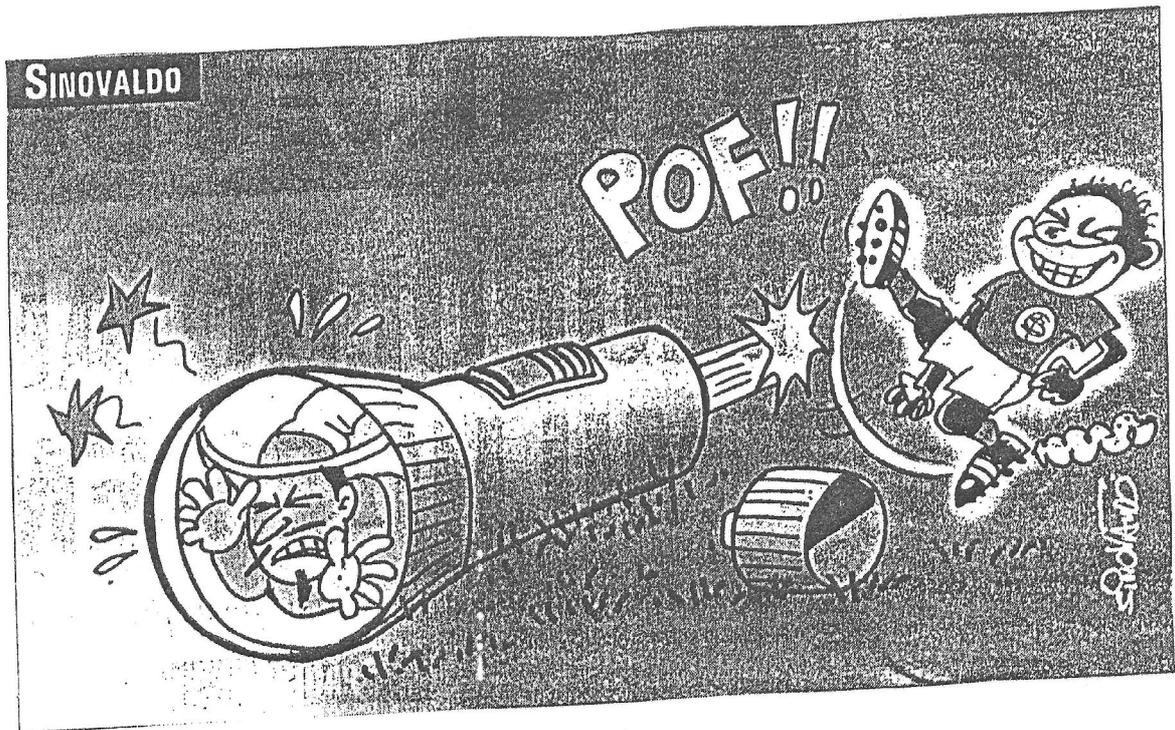
Fonte: Jornal VS – 10 mar. 2003.



Fonte: Jornal VS – 06 fev. 2003.



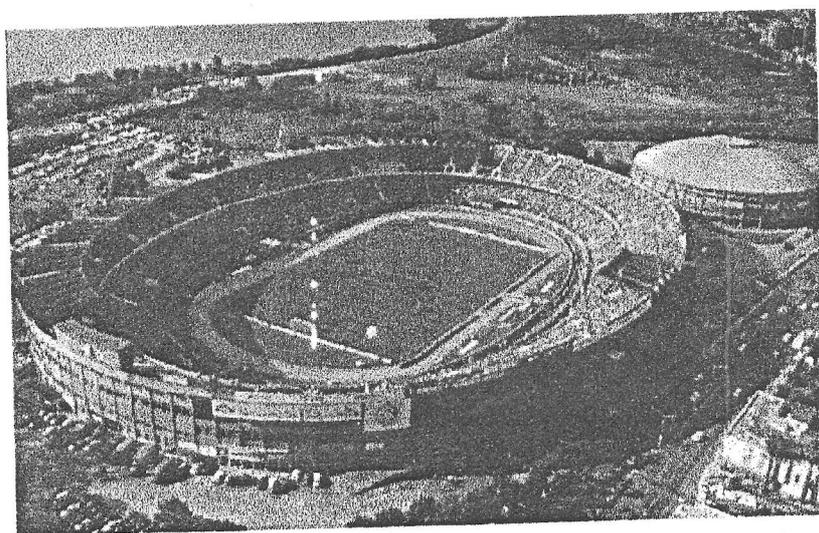
Fonte: Jornal VS – 10 fev. 2003.



Fonte: Jornal VS – 10 fev. 2003.

Anexo 2

Fotografia aérea do estádio Beira Rio
Fonte: site oficial do Sport Clube Internacional – 16 fev. 2003.



Anexo 3

Andanças pela Coréia

Desde que comecei a assistir jogos do INTERNACIONAL, assim como todo COLORADO, percebi algo diferente na relação torcida – clube - time, coisa que só se vê no Beira Rio e em poucos clubes populares de outros estados. É contagiante fazer parte e estar entre o povão, onde sai os gritos, as canções e os refrões que embalam o time em campo. Meu pai me levava sempre (desde um ano de idade) nas cadeiras do Gigante da Beira Rio. Com o passar dos anos, já sem possibilidade de entrar de graça nas cadeiras como acompanhante, comecei a assistir as partidas da arquibancada superior, ao lado das torcidas organizadas. Foi uma fase boa, de grandes recordações. Mas a atração pelo grito espontâneo da massa é irresistível. Queria era ver e participar dos jogos. Comecei, então, a ser assíduo torcedor da geral. Lá se participa com mais vibração todo o momento. Não sei se é pela proximidade do campo ou se existe alguma mística naquele concreto. Mas, como todo time popular, com torcida popular, tem que ter um local popular para acolher a massa. Foi quando comecei a assistir jogos na Coréia. É que pude realmente ver o quão imensa é a nação vermelha. Tantas pessoas, de todos os tipos, de todas as raças, de todas as crenças, assistindo de pé, um pouco acima do nível do gramado, aos jogos do COLORADO. Lá é a casa do torcedor símbolo, do torcedor folclórico, do torcedor carinhosamente chamado de coreano. Lá está o torcedor emoção, que xinga o juiz e o bandeirinha, que grita com o técnico e o jogador em qualquer deslize em campo, mas que está sempre ali, ao lado do time, torcendo, rezando, e vibrando ao ver a bola encostar as redes do adversário. Quando se vai algumas vezes na Coréia, você se sente em casa, revê pessoas e rostos conhecidos. Uma vez, em um jogo que não me recordo qual foi, um homem, que aparentava uns 30 anos, estava na social vendendo refrigerantes e reconheceu seus amigos na Coréia. Fizeram aquela festa típica de encontro de bons amigos. O vendedor então falou para os dois amigos:

– “Minha mãe me perguntou hoje: ‘onde tu vai *negão?*’ e aí eu disse *prá* ela que ia no Inter. Ela perguntou se eu ia vender refrigerantes nas arquibancadas e aproveitar para assistir o jogo de lá. E eu disse: ‘Não mãe. Vou vender os *refri* e depois vou *prá* Coréia...’. A mãe falou: ‘Porquê filho?’ ‘– Porque é lá que está a família...’”

Não importa de onde você prefira assistir o INTER. O importante é você fazer parte da família!

Extraído do site página colorada em 02 mar. 2003.

Anexo 4

A RESPOSTA DOS MACACOS

Há 90 anos atrás alguém fez o favor de tentar proibir a entrada de certos bichos na floresta do futebol gaúcho. Disseram que não podia, que o jogo de bola seria privilégio de poucos e fim de papo. Inconformados os bichos vestiram vermelho e branco e fizeram um time em que todos poderiam participar. Assim nasceu o Inter, condenado a ser eternamente o clube do povo do Rio Grande do Sul.

Construído pela mesma torcida alegre e festiva que assiste o século terminar com o seu time impondo uma supremacia direta, absoluta e crescente na selva gaúcha, o Inter consolidou-se como time de pretos, vermelhos, amarelos e brancos; de todas as cores. É o time dos elefantes, dos dinossauros, dos jacarés, dos macacos, dos chupa-cabras e dos morcegos; de todos os bichos do mundo.

Vencido de todas as formas no jogo que queria jogar sozinho, o adversário tentou menosprezar os chimpanzés e sua turma. Ledo engano. O tiro saiu pela culatra e a pretensão de hostilizar os alvi-rubros, como se houvesse qualquer problema na origem plural, simples e florestal do povo vermelho, na verdade transformou-se numa homenagem, motivo de orgulho a toda nação colorada.

Imitar o gesto de gorilas pulando sem parar nas arquibancadas; pendurar o boneco de um negãozinho vestindo a camisa do Inter; oferecer bananas aos colorados no estádio; chamar o Beira Rio de maior árvore do mundo ou de planeta dos macacos, são atitudes que fazem a alegria do povão vermelho. Não só aceitamos como não abrimos mão desta condição: nós somos os macacos. Uma criativa e inteligente resposta às provocações foi inaugurada pela torcida colorada no famoso Gre-Nal dos 5.

Naquele domingo, diante de uma goleada que por certo ficará engasgada por muito tempo na alma de toda uma geração de torcedores do rival, os colorados celebravam de forma extasiante sua alegria. Proporcionavam aos presentes e aos espectadores de todo o Brasil que acompanhavam pela TV um espetáculo fantástico, único e insuperável. Pulavam sem parar, e do coração da floresta de pedra ouvia-se um grito uníssono, vigoroso e estremecedor. A resposta vinha do fundo da alma dos macacos, rasgando seus pulmões, atravessando suas gargantas e passando pelas mãos em concha para explodir. Numa intensidade poucas vezes ouvida naquele bosque os primatas enlouquecidos bradavam em alto e bom som; arrepiando de emoção os pêlos de toda a tribo e alucinando sem piedade o inimigo indefeso:

“Ah!!! Eu sou macaco!!!”

“Ah!!! Eu sou macaco!!!”

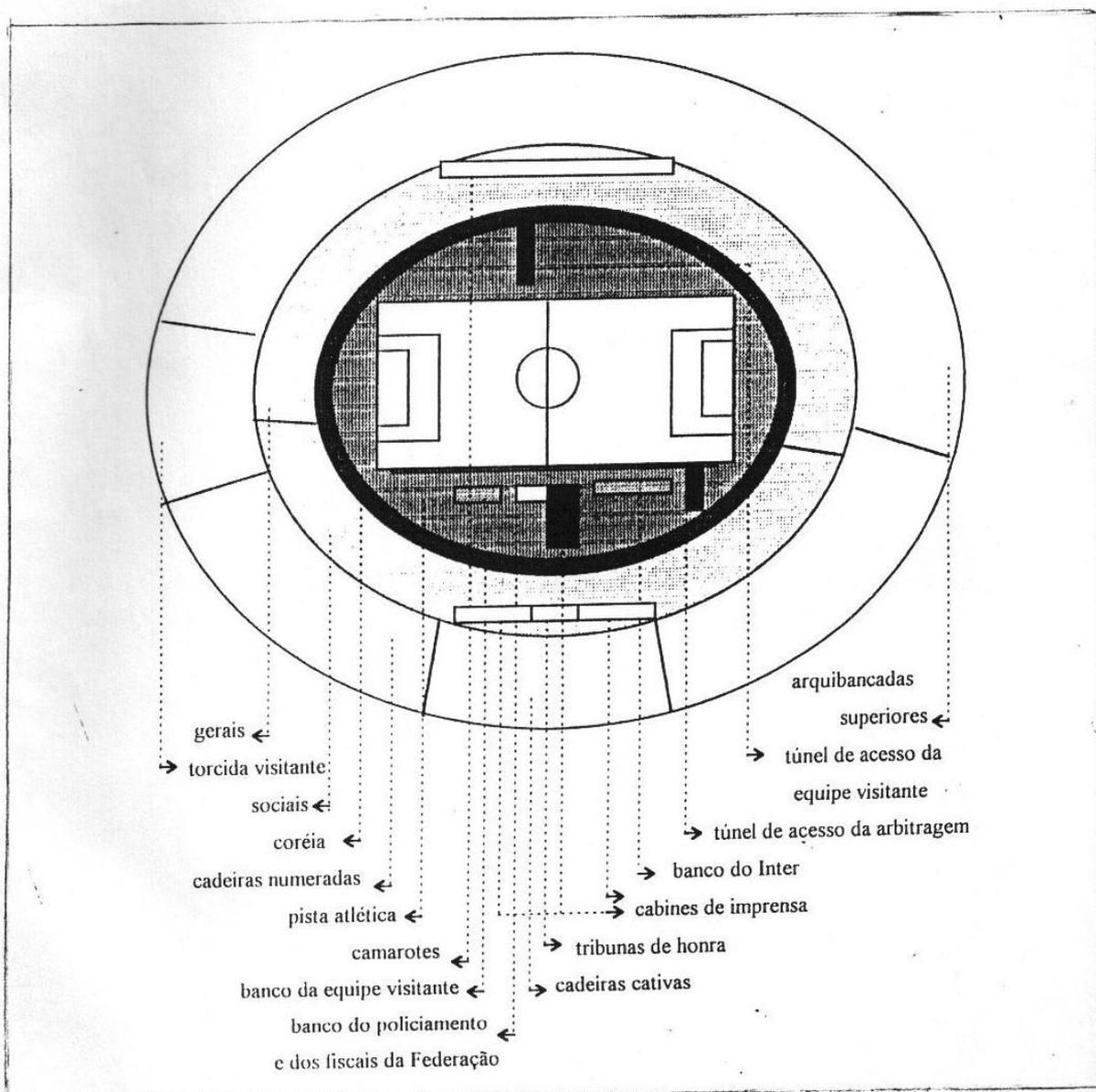
Sandro Santos Farias

Sandro Santos Farias é Conselheiro do Sport Club INTERNACIONAL!

Extraído do site página colorada em: 02 mar. 2003.

Anexo 5

O Gigante da Beira Rio



Fonte: Damo (1998, p.125).